

# ESCRITA DE DIÁRIOS E SEU POTENCIAL TERAPÊUTICO EM ADOLESCENTES JUDICIALMENTE ACOLHIDOS

## *DIARIES WRITING AND THEIR THERAPEUTIC POTENTIAL IN COURT UPHELD TEENAGERS*

Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro Bartho \*  
Elzira Yoko Uyeno \*\*

**RESUMO:** Tendo como sujeitos de pesquisas adolescentes em situação de acolhimento devido a abandono familiar e/ou maus tratos, esta pesquisa delimitou como problema as constantes queixas dos adolescentes as quais pareciam imobilizá-los frente a ações que pudessem transformá-los. O objetivo foi desenvolver atividades de leitura e propor a elaboração de diários pessoais a fim de responder aos seguintes questionamentos: o que imobilizava os adolescentes a ponto de resistirem aos benefícios que a instituição e os projetos pedagógicos poderiam oferecer-lhes? Como mobilizá-los? A escrita teria função terapêutica? Resultados da análise do *corpus*, guiada pela Análise do Discurso Francesa e conceitos da Psicanálise, apontam que os adolescentes assumiam posicionamento de vítimas, e isso os fixava na condição de excluídos. A escrita, nesse contexto, teve função terapêutica por meio de manejos psicanalíticos que “desautorizavam” o sofrimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diários pessoais. Escrita terapêutica. Adolescentes acolhidos.

**ABSTRACT:** Having as a main subject of this study the teenagers in court upheld situation due to familiar resignation and/or maltreatment, this research set out as a problem the teenagers' frequent complaints that seemed to block them out in face to actions that could change them. The main goal was to develop reading activities and to propose the elaboration of personal diaries in order to answer the following questions: what blocked the teenagers out so that they held out the benefits which the institutes and the pedagogical projects could offer them? How could they be mobilized? Would the writing have therapeutic function? Results from the corpus analysis, guided by The French Discourse Analysis and the Psychoanalysis concepts pointed out that the teenagers assumed some position of victim, and it fixed them in the condition of excluded. The writing, in this context, had therapeutic function through psychoanalytical management that “disallowed” the suffering.

**KEYWORDS:** Personal diaries. Therapeutic writing. Court upheld teenagers

\* Professora da Universidade de Taubaté. Mestra em Linguística Aplicada. E-mail: viviane\_dines@yahoo.com.br.

\*\* Professora da Universidade de Taubaté. Doutora em Linguística Aplicada. In memoriam.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi desenvolvida em uma instituição de acolhimento, localizada no interior do Estado de São Paulo, popularmente nomeada de *Casa Abrigo*, com adolescentes, entre 10 e 18 anos, acolhidos devido a abandono e/ou maus tratos dos familiares. De início, deparou-se com a problemática da falta de engajamento desses adolescentes em atividades e projetos sociais e pedagógicos a eles oferecidos. Essa característica dos instituídos era acompanhada de constantes queixas deles sobre a condição em que viviam no momento, a saber: longe de pais e parentes, obedecendo a regras e a pessoas que não lhes significavam nada, sem perspectiva de mudança ou até mesmo de adoção, o que, conhecidamente, ocorre com menos frequência com adolescentes na faixa etária em questão. Essa angústia dos instituídos e suas queixas pareciam imobilizá-los a ponto de resistirem a atividades educativas que poderiam contribuir com alguma oportunidade de desconstrução da situação em que se encontravam.

Observado o problema, delimitaram-se algumas perguntas de pesquisa que guiarão as investigações teóricas e as análises: a) o que imobilizava os adolescentes, fazendo-os resistirem a ações que lhes proporcionariam mudanças?; b) como mobilizá-los?; c) a escrita teria função terapêutica?

Em busca de respostas, procurou-se compreender o que a instituição esperava desses adolescentes e o que eles esperavam da instituição. O que se ponderou foi que a função da instituição, como de outras instituições (a Família, a Escola, a Igreja...), era de moldar o sujeito para a sociedade, ou seja, objetivar o sujeito e discipliná-lo. Assim, dada a natureza da instituição de acolhimento, ocorriam processos de subjetivação (ou de engendramento do sujeito) pelos modos de objetivação, elucidados por Foucault, que são modos de adestramento do sujeito sócio-historicamente constituídos.

Contudo, a hipótese era de que esses modos não seriam suficientes para a subjetivação dos sujeitos instituídos, que, vivendo em um período pós-moderno, em que há uma tendência à horizontalização das hierarquias, não mais produzem respostas aos modos de objetivação pelo poder consideradas satisfatórias a um modelo tradicional de educação. Passou-se, portanto, a investigar os modos de subjetivação, também postulados por Foucault, ainda numa dimensão sócio-histórica, e os processos de identificações, que seriam processos, nunca estáveis e fixos, de constituição do sujeito numa dimensão psicanalítica, postulada por Lacan.

Foram a partir dos modos de subjetivação e dos processos de identificações que esta pesquisa propôs como objetivo o desenvolvimento de atividades de leitura e escrita e, mais especificamente, a produção da escrita de diários pessoais como uma forma de trabalho com a linguagem e o pensamento, isto é, com a simbolização do real, na busca de uma mobilização ou deslocamento subjetivo dos adolescentes.

Esta pesquisa tem como pressupostos teóricos a Análise do Discurso de perspectiva francesa e conceitos da Psicanálise que com ela dialogam. Para efeito de organização e coerência textuais, o presente relato foi dividido da seguinte forma: 1. Processos de subjetivação; 1.1 Modos de objetivação; 1.2 Modos de subjetivação; 2. Processos de identificações; 2.1 A linguagem e o pensamento; 2.3 A Globalização e as novas formas de identificações: novo amor e responsabilização; 3. Procedimentos de produção e coleta dos registros de pesquisa; 4. Análise dos recortes discursivos; Conclusão.

## PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Um dos legados mais relevantes dos estudos de Foucault diz respeito à subjetividade, na especificidade foucaultiana da constituição do sujeito ao longo da História, a qual afeta, sob uma visão discursiva, a identidade do sujeito. Essa questão também perpassa os estudos de Pêcheux e de Althusser ao relacionarem discurso e sujeito, ideologia e sujeito, língua e sujeito.

Acerca dos processos de subjetivação, Uyeno (2011), inspirada na divisão<sup>3</sup> geral da obra foucaultiana por Revel (2005), divide-os, com base numa visão retrospectiva sobre os estudos empreendidos por Foucault, ao longo de suas fases teóricas, e sobre os estudos em AD, em “Modos de objetivação” e “Modos de subjetivação”.

## MODOS DE OBJETIVAÇÃO

Primeiramente, tomando a divisão de Uyeno (2011), segue-se a elucidação dos modos de objetivação que engendram o sujeito. Para tanto, introduz-se o conceito de imaginário discursivo derivado das postulações de Althusser (1985) acerca das condições alienadas em que vivem os homens.

Althusser (1985), baseando-se em Marx, explica que os homens se compreendem como tais a partir de representações de suas condições de existência e, como essas condições são alienadas, uma vez que as condições de trabalho e de produção são alienadas, os homens vivem alienados, ou seja, a relação que mantêm com a realidade é ilusória. As relações sociais são, portanto, ideológicas, pois se realizam sob representações imaginárias produzidas pelos homens.

Num sistema de produção, o indivíduo ocupa naturalmente um lugar, sendo designado “sujeito”. Em outras palavras, o sistema de trabalho, por meio do qual a sociedade se movimenta e progride, é ideológico; é a ideologia que interpela os indivíduos em sujeitos, que reconhecem eles próprios seus lugares e os ocupam (PÊCHEUX, 1988).

---

<sup>3</sup> A divisão da obra de Foucault a que este trabalho se refere se distingue da divisão clássica da obra do autor, segundo a qual se compreendem os estudos foucaultianos em três fases: arqueológica, genealógica e ontológica.

Toda relação entre os sujeitos, por conseguinte, ocorre sob um imaginário discursivo: um sujeito denominado “A” enuncia sob a imagem que faz de seu interlocutor “B”, de si mesmo, de seu referente. São inúmeros os desdobramentos imaginários descritos por Pêcheux (1969), ainda na primeira fase da AD, quando se consideravam estáveis as condições de produção dos discursos: a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A (*quem sou eu para lhe falar assim?*) – Ia (A); a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A (*quem é ele para que eu lhe fale assim?*) – Ia (B); a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B (*quem sou eu para que ele me fale assim?*) – Ib (B); a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B (*quem é ele para que me fale assim?*) – Ib (A); e assim por diante.

Essas imagens são determinadas por Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1985), por uma memória discursiva (COURTINE; HAROCHE, 1988) e por rituais cotidianos que parecem naturalizados (CASTORIADIS, 1995); e o imaginário discursivo afeta as identidades assumidas (ou impostas) pelas interações institucionais. Assim, a identidade é afetada por processos de subjetivação foucaultiana atrelados às relações de poder (UYENO, 2011).

Em sua primeira fase de estudos, Foucault investigou os efeitos do poder, desencadeados por modos de objetivação, no engendramento dos sujeitos. Esses modos constituíam formas de adestramento para a produção de corpos dóceis. Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) resgata os espetáculos de suplícios: enforcamentos, esquartejamentos e todo tipo de tortura e punição física que causava o horror e o medo nos espectadores.

Segundo o autor, no fim do século XVIII e começo do século XIX, esses tipos de controle da população e do sujeito delituoso vão sendo extintos, dadas as percepções de que as execuções públicas não surtiam o efeito de castigo exemplar como sempre se pensou que fizessem. Dessa forma, o corpo deixou de ser alvo das punições dando lugar à alma: “à expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições” (FOUCAULT, 1987, p. 18). Surge, então, o controle do indivíduo por meio da vigilância, a fim de neutralizar sua periculosidade e produzir um corpo dócil, obediente às leis e à ideologia dominante. É essa a relação entre poder e dominação sobre o corpo.

Métodos para o controle do corpo, para sujeitá-lo à docilidade-utilidade, foram designados “disciplinas”. Uma nova organização do espaço foi planejada e disseminada às instituições e meios de interação humana: escolas, hospitais, locais públicos e, claro, prisões. As técnicas de vigilância espalharam-se por todo o tecido social, de forma não só macro, como também micro, com finalidades de controlar e transformar os indivíduos (FOUCAULT, 1987).

O resgate dessa transformação do poder sobre a morte para o poder sobre o corpo vivo levou Foucault (1987) a postular que os efeitos do poder disciplinador não são apenas negativos, porque o poder possibilita ao corpo tornar-se útil, ajusta habilida-

des, conduz o sujeito a ações produtivas, modela seu comportamento. Além disso, poder produz saber. É preciso, segundo o filósofo, renunciar a uma tradição que induz pensar que só pode haver saber onde não há relações de poder, pois as técnicas de poder fazem dos corpos humanos objetos de saber. Foi por meio das ações de poder que se teve acesso a um saber clínico, por exemplo, em relação à loucura.

Outro polo por meio do qual se desenvolveu a organização de poder sobre o sujeito foram as técnicas de controle do sexo (FOUCAULT, 1988). Os governos se depa-raram, no século XVIII, com problemas da população de ordem político-econômica: natalidade, morbidade, expectativa de vida, alimentação, fecundidade, etc. Diante disso, foi preciso encontrar uma forma de se analisarem idade do casamento, nascimentos legítimos e ilegítimos, precocidade e frequência de relações sexuais, práticas contraceptivas, meios e efeitos de interdição do sexo, possibilidade de envolvimento sexuais entre consanguíneos, enfim, foi preciso conhecer os modos pelos quais o sexo se fazia presente nas relações sociais, já que era o cerne dos problemas que deveriam ser enfrentados para o desenvolvimento da população.

Para tanto, impôs-se a tarefa de se dizer a si e a outrem tudo o que se relacionava ao sexo: sensações, pensamentos, práticas; tudo deveria ser transmitido pela palavra, sob a forma de confissão, o que reforçou esse ritual colocado, desde a Idade Média, entre os mais importantes para a produção de verdade. A confissão passou, pois, a ser um modo de objetivação dos sujeitos.

Aumentaram os discursos sobre a sexualidade e aumentou, conseqüentemente, o controle do sexo: proibições de alianças consanguíneas, condenação de adultério, vigilância sobre a sexualidade das crianças. As confissões eram modos a partir dos quais o poder intervinha nas relações humanas, controlando os sujeitos e sua sexualidade, como nos casos de incestos: forçava-se a confissão, a fim de se evitar o incesto. Nesse sentido, a produção e o controle de discursos sobre o sexo produziram também conhecimentos de medicina e de psiquiatria em torno desse tema – é o poder que produz saber.

## MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

Foucault, em sua análise sobre a subjetividade, reconhece ser insuficiente que se estabeleçam dispositivos de disciplinamento e regulação de corpos dóceis e existir, para além da resistência, uma capacidade de produção da subjetividade por parte do próprio sujeito. O filósofo aponta, em suas últimas obras, o trabalho ético, os regimes de autorregulação, as tecnologias do *eu*, as práticas de cuidado de si e a reflexão como formas pelas quais o sujeito se constitui, subjetiva-se, engendrando, assim, sua identidade. Essas formas foram assumidas por Uyeno (2011), a partir da divisão proposta por Revel, como modos de subjetivação.

Percebe-se que, por coerência teórica e/ou interrupção dos estudos devido à morte, Foucault trata dos modos de subjetivação como práticas conscientes, sem entrar em aspectos do inconsciente (HALL, 2000).

Iniciando-se a discussão acerca dos modos de subjetivação, toma-se a confissão como uma prática que servia tanto para a objetivação, utilizada nas relações de poder para produzir a verdade, como também para a subjetivação, uma vez que causava efeito de constituição do sujeito em relação a si mesmo.

A confissão, instituída nos mosteiros, com o Cristianismo, era uma prática cujo objetivo único era o de *ascese*, ou seja, purificar-se para a elevação espiritual. Com a formação dos burgos, a confissão tornou-se dispositivo de controle por meio do qual se poderia ter acesso às formas pelas quais os homens se relacionavam entre si, podendo-se, assim, intervir, pela determinação de leis e punições, em situações que evidenciam problemas para a sociedade ou para a religião. Mais tarde, a confissão passou a ser estimulada não só como prática cristã, mas também como técnica pela qual as instituições extraíam a verdade; a confissão pôde ser vista, portanto, como exames que permitiam vigiar, qualificar e, se necessário, punir. Cada instituição delimitou tipos de exames por meio dos quais tinham acesso a conhecimentos sobre os sujeitos: exames médicos, exames (avaliações) escolares, que constituíam modos de objetivação do sujeito (FOUCAULT, 1987; 1988).

Em seus últimos estudos, entretanto, Foucault (2006) apresentou outra face da confissão. Ela era uma forma não só de poder-saber ou um modo de objetivação, mas também possibilitava ao sujeito acesso a si mesmo, permitindo que se constituísse, subjetivasse. É nesse sentido que Santo Antônio indicava a escrita como um instrumento no combate espiritual: o ato de escrever sobre si, sobre os próprios pensamentos e ações, obrigava o sujeito ao autoadestramento, suscitando a vergonha e, conseqüentemente, evitando-se pecar, pois se protegia de pensamentos impuros (FOUCAULT, 2006).

Percebe-se, portanto, que a confissão como dispositivo de poder e de controle configurava-se como modo de objetivação, uma vez que permitia o poder-saber; em outros termos, permitia ao confessor o acesso ao saber sobre o confessando. Por outro lado, ao se confessar, o sujeito acabava por ter acesso a aspectos que se escondiam a ele próprio, logo, a confissão pode configurar-se também como modo de subjetivação pelo qual o confessando tem acesso à verdade sobre si mesmo, subjetivando-se.

Foucault (2006) resgatou, na cultura filosófica grega, o que Sêneca ensinava acerca da importância de se ler e escrever e o que Epícteto explicava sobre a necessidade de se associar a escrita à meditação, “ao exercício do pensamento sobre ele mesmo que reativa o que ele sabe, torna presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para encarar o real” (FOUCAULT, 2006, p. 147).

A respeito dos efeitos da escrita, Foucault (2006), com base em Sêneca, explica que ela se associa ao pensamento por meio de duas formas: linear, que vai da medita-

ção à escrita e desta à autodisciplina na realidade; ou circular, que vai da meditação à escrita, seguida de releitura que revigora a meditação. De qualquer maneira, a escrita exerce uma função *ethopoiética*, ou seja, transforma a verdade em *ethos*.

As materializações de uma escrita *ethopoiética* poderiam ocorrer em *hupomnêmata* ou em correspondências, conforme corroboram trabalhos de Godoy (2006), Uyeno (2007) e Bartho (2008). Os primeiros eram livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que tinham a função de lembrete. Podiam também ser utilizados como livro de vida ou guia de conduta nos quais constassem citações, exemplos, fatos testemunhados, reflexões etc. Escrevia-se nos *hupomnêmata* tudo o que se tinha lido, ouvido ou pensado e serviam de material que poderia ser, frequentemente, lido, relido e meditado, a fim de se “conversar consigo mesmo e com outros” (FOUCAULT, 2006, p. 148).

O autor ressalta, ainda, que, embora os *hupomnêmata* tivessem caráter pessoal, não deveriam ser igualados aos diários pessoais ou às narrativas espirituais sobre tentações, lutas, vitórias, muito frequentes na cultura cristã. Essa diferença se estabelece pelo fato de os *hupomnêmata* não serem narrativas de si, o que os aproximaria da confissão, cujo efeito é a purificação, mas, ao contrário, neles se buscava não aquilo que não foi ou não pôde ser dito, e sim justamente aquilo que foi lido ou ouvido e que contribui para a constituição de si, para a fixação de conhecimentos adquiridos e reelaboração de si; é nesse sentido que os *hupomnêmata* são modos de subjetivação, pois se unificam fragmentos heterogêneos criando uma identidade própria.

Outra forma de materialização da escrita com função *ethopoiética* são as correspondências, cartas pessoais redigidas pelos mestres a amigos ou discípulos, como faziam Sêneca a Lucilius, Marco Aurélio a Fronton e às vezes também Plínio a amigos (FOUCAULT, 2006).

Sêneca explicava que as correspondências tinham uma dupla ação: agiam sobre quem as escrevia, pelo próprio ato de escrever e meditar, e sobre quem as recebia, pela leitura e releitura. Para além de conselhos e advertências que poderiam ser endereçadas ao outro, numa busca pelo adestramento dele, as cartas constituíam maneiras de se lançar um olhar sobre si mesmo, como um autoexame, um movimento introspectivo e vigilante sobre a alma, objetivando-a, adestrando-a. Assim, realizavam-se dois princípios que Sêneca constantemente invocava: “o de que é necessário adestrar-se durante toda a vida, e o de que sempre se precisa da ajuda de outro na elaboração da alma sobre si mesma” (FOUCAULT, 2006, p. 154).

Diferentemente dos *hupomnêmata*, que contribuía para a constituição de si por meio da reunião de discursos dos outros, as correspondências poderiam conter, além de conselhos e relatos para auxiliar o outro em uma situação difícil, narrativas de si próprio, ou seja, narrativas sobre o que se fez num dia comum, sobre a rotina, numa prática de exame de consciência que estimula a vivência sob o olhar do outro. É nesse

aspecto que as correspondências, em certa medida, aproximam-se dos diários pessoais, objeto da pesquisa em relato, e configuram-se como modos de subjetivação.

## PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÕES

Além da perspectiva sócio-histórica de constituição do sujeito, há também outra, a partir da qual ele não é apenas sócio-historicamente constituído, mas apresenta, ainda, uma estrutura psicanalítica, que permite aflorarem sentidos inconscientes, incontroláveis, indesejáveis. É uma visão, a partir de Lacan, de sujeito incompleto, heterogêneo e não controlador dos sentidos que seu discurso pode provocar. A subjetividade, sob essa perspectiva psicanalítica, é afetada por processos de identificações subsequentes à primeira que ocorre no estágio do espelho (LACAN, 1998).

Lacan (1998) explica que, no começo da vida, o bebê não se percebe como um ser separado da mãe. No entanto, progressivamente, a criança se dá conta de que a união entre ela e a mãe foi rompida e começa a reconhecer sua própria imagem, refletida no espelho material ou no espelho dos olhos dos outros, como uma forma distintiva da mãe. É nesse momento que a noção de identidade é iniciada, antes da entrada na linguagem, que possibilitará condição de sujeito desejante.

Anteriormente ao estágio do espelho, a criança não se percebe como um corpo unificado, mas sim como algo disperso e extensivo à mãe. Assim, a imagem refletida dá-lhe uma ilusão de unidade, isto é, a imagem que se faz de si é da ordem do “ideal” (LACAN, 2008), quando, na verdade, a noção de divisão se estabeleceu na estrutura infantil, bem como a dimensão faltante constituirá para sempre o sujeito. A imagem completa será sempre buscada, mas não poderá ser resgatada e marcará o sujeito de um modo singular, único. Ele passa a ter sua singularidade, que determinará a forma como se relacionará com a falta que o constitui (UYENO, 2002).

A partir disso, inaugura-se a cena para identificações futuras, já que, como a identidade surge da divisão e da falta, o sujeito se lança a uma busca pelo retorno da unidade com a mãe, logo, sempre buscará aquilo que poderia lhe completar, identificando-se com o que quer ser ou com o que pensa que tamponará sua falta constitutiva.

Hall (2000) explica que, pelo senso comum, a identificação ocorre quando características comuns são compartilhadas por duas pessoas, mas, ao contrário disso, identificação psicanalítica é um processo nunca finalizado ou completado; tem-se a ilusão de que o outro com o qual se identifica é exatamente o que lhe falta.

Essa ilusão constitui a dimensão imaginária do sujeito, sob a qual a identidade primordial foi possível, sustentada por uma imagem visual que não era a criança na realidade, mas na qual ela se (re)conhecia e a partir da qual faz uma representação de si. O sujeito lacaniano é cindido, incompleto, faltante, mas tem a ilusão de totalidade. O “eu ideal” é uma produção do discurso do Outro e do desejo do Outro que possi-

bilita ao sujeito imaginar-se, fazer uma representação do que pensa que é. Em outras palavras, um sujeito denominado A é produzido por B, sendo A o eu e B o Outro (entendido agora como o discurso e o desejo dos pais sobre o sujeito). O eu é, portanto, o (O)outro, o que permite compreender que o eu é produzido pelo Outro (pelo Amor do Outro), por isso o sujeito é aquilo que imagina que seus pais desejavam que ele fosse (UYENO, 2011).

Imaginariamente, o eu é ideal, mas lança-se em busca do “ideal do eu” no plano simbólico, a fim de tamponar sua falta constitutiva. Nesse sentido, as relações interpessoais e as relações com objetos simbólicos como diploma, profissão, casamento, etc. efetuam-se quando há, em algum grau, a identificação, formando, assim, o laço social a partir do qual pode emergir a singularidade inconsciente por meio de lapsos, chistes, atos falhos (UYENO, 2011).

Se as identificações se fazem subsequentemente a partir da primeira identificação especular, os processos de subjetivação que se fazem pelos modos de objetivação sócio-histórica e pelos modos de subjetivação postulados por Foucault lhes são posteriores. Este artigo adota o conceito de identidade que se desloca das perspectivas predominantes segundo as quais a identidade é fixa, estável (CORACINI, 2007).

## A LINGUAGEM E O PENSAMENTO

O sujeito, na sociedade, passa pelo processo de simbolização mediado pela linguagem e o pensamento, que são nomeados por Birman (2005) como interditos simbólicos, isto é, formas de se interditar, ou melhor, ratificar a natureza instintiva e real dos indivíduos e (con)formá-los em sujeitos civilizados. No entanto, parece que vivemos um período pós-moderno em que os interditos simbólicos, a começar pelo Nome-do-Pai<sup>4</sup> (FERRETTI, 2004), perderam sua eficácia, alimentando sujeitos do gozo (ou sem limites).

Para Forbes (2010), a globalização trouxe a multiplicidade de expressão e provocou a horizontalização da sociedade, ou seja, a queda da hierarquia masculina e de um eixo vertical de identificações que, basicamente, eram ideais que orientavam o sujeito. Esse fenômeno conduziu o homem a uma pluralidade de modelos, de modo a perder sua bússola, daí Forbes (2010) nomeá-lo sujeito desbussolado. Consequentemente, observa-se um curto-circuito da palavra, o que resultou em problemas, como: a delinquência despropositada, o consumismo, o uso de drogas, o fracasso escolar, os distúrbios psicossomáticos (FORBES, 2010).

Segundo Birman (2005), o sujeito pós-moderno, da contemporaneidade, vem perdendo sua capacidade de fantasiar e, conseqüentemente, de desejar, uma vez que, “[...] para o sujeito desejar é preciso também fantasiar, sem o qual o desejo não se ordena

<sup>4</sup> Nome-do-Pai seria, segundo Lacan (2008), uma função paterna de interdição e mediação entre o desejo da mãe e a criança. Metaforicamente, essa função passa a ser exercida pelas instituições e leis do mundo simbólico.

e não se encorpa” (BIRMAN, 2005, p. 3). Isso ocorre porque, com o capitalismo, a ideia de sociedade é reduzida à ideia de mercado; também as utopias dão lugar às visões científicas e técnicas, enfraquecendo o poder do sujeito de fantasiar (BIRMAN, 2005).

Esse enfraquecimento é, sobretudo na contemporaneidade, resultado da precariedade dos processos simbólicos. Para explicar esse fato, o autor recorre a Freud sobre o que nos elucidava acerca do mal-estar. Segundo Birman (2005), na Modernidade, a presença de um conflito psíquico, fruto do contraponto cerrado entre os polos da pulsão e da censura, era equilibrada, devido à eficiência dos interditos simbólicos – o pensamento e a linguagem.

Na Pós-modernidade, o empobrecimento dos processos simbólicos submete o sujeito aos excessos pulsionais, ou seja, não há equilíbrio entre desejo e gozo, que afastaria a iminência de morte, visto que é a angústia provocada por esse equilíbrio que permite antecipar os perigos que o mundo oferece. Sem mediação, os excessos são descarregados diretamente por canais como o corpo ou a ação. Daí a existência de tantas doenças relacionadas ao corpo, como fibromialgia, fadiga crônica, estresse, além de buscas descontroladas de formas para cuidar do corpo, como academias de ginástica, dietas, entre outras; e problemas relacionados à ação, como atos de agressividade e de violência, compulsões que desencadeiam em consumismo e gula, a qual pode causar casos graves de bulimia e anorexia (BIRMAN, 2005). Esses mecanismos de descarga são ineficazes, pois não regulam os excessos e, sem controlá-los, o sujeito sente uma despossessão de si, caracterizada por um vazio, definido como depressão (BIRMAN, 2005).

O fracasso escolar, compreendido como a falta de importância que a escola passou a apresentar, é apontado por Forbes (2010) como um problema na Pós-modernidade e pode ser entendido como um resultado do que Birman (2005) nos apresenta como precariedade de interditos simbólicos. O empobrecimento do pensamento e da linguagem (BIRMAN, 2005) ou o curto-circuito da palavra (FORBES, 2010) atingem os sujeitos, sob uma visão ampla, e os alunos, mais restritivamente. Seria necessária, portanto, a retomada de um trabalho com os processos de simbolização e de interdição, o que consiste num desafio para a Escola hoje, que vivencia um momento em que as relações são instáveis e superficiais, a linguagem é fragmentada e há forte apelo à liberdade e ao prazer. Nesse sentido, esta pesquisa procurou investigar, dentre outros elementos, se a escrita de diários pessoais seria um instrumento para o processo de simbolização e, assim, teria uma função terapêutica.

## **A GLOBALIZAÇÃO E AS NOVAS FORMAS DE IDENTIFICAÇÕES: NOVO AMOR E RESPONSABILIZAÇÃO**

O psicanalista Jorge Forbes (2012) explica que a sociedade moderna e industrial organizava-se de maneira vertical, em que o Nome-do-Pai funcionava como bússola, como orientação hierárquica. Havia um pai ideal identificatório que se fazia presente

nos modos de laço social do século XX. As ações sociais eram, portanto, padronizadas e pressupunham um futuro seguro e, conseqüentemente, feliz. Note-se, como enfatiza o autor, que a seguridade vinha previamente à felicidade.

Esses padrões verticais das identificações entraram em declínio com o advento da globalização e de uma sociedade capitalista, dando lugar, de modo geral, a uma sociedade horizontal em que o homem perdeu sua bússola, ou seja, tornou-se desbussolado. Em casos de crianças abandonadas, como são alguns dos sujeitos de pesquisa deste trabalho, a horizontalização parece potencializada.

Surgiram também, como elucida Forbes (2005), novos problemas que não passam pelo circuito da palavra e fazem com que o sujeito fique à mercê do gozo excessivo, como é o caso das agressões físicas, do uso desenfreado de drogas, do fracasso escolar observado na prova em branco entregue ao professor, como se a ordem escolar não dissesse nada ao estudante, entre outras formas de atitudes conduzidas pelo excesso, atitudes essas que já ocorriam anteriormente, mas que hoje se revelam de modo inusitado e incompreensível a uma sociedade que ainda convive com valores modernos (ou tradicionais) e que busca uma forma de explicar os excessos do gozo cada vez mais presentes que, para além do princípio do prazer, podem aproximar o sujeito da morte.

Frente a uma sociedade sem padrões, Forbes (2005) tece reflexões em torno da seguinte questão: “com lidar com o novo laço social da globalização em suas múltiplas expressões?”. Se antes o sujeito se preparava para o futuro, já predefinido; hoje, diante de tantas possibilidades, da multiplicidade de modelos, ele terá de inventar seu futuro. Forbes defende que a grande riqueza humana é a criatividade; desse modo, se as fronteiras foram rompidas, fragilizando os padrões, isso impulsionará o sujeito a criar novas soluções. Segundo suas próprias palavras: “[...] Precisamos de um novo pacto social, ou seja, de um novo amor”. (FORBES, 2005, p. 19).

O autor aponta como algumas dessas soluções já inventadas para reorganizar os excessos que não passam pelo circuito da palavra os esportes radicais e a música eletrônica que, embora sem letra e palavras que possam dialogar, unem milhares de jovens que estabelecem comunicação; e assim o sujeito precisa buscar soluções criativas e responsáveis para o gozo caótico, pois, sem ideais predefinidos, a saída é se inventar (FORBES, 2012), é buscar um novo amor que permita novos laços sociais e que permita a contínua busca pelo desejo, numa tentativa de tamponar a falta constitutiva que é a mola-propulsora da vida.

Para encontrar esse novo amor, Forbes (2012) explica ser imprescindível a responsabilização do sujeito. O sujeito deverá assumir a responsabilidade pelo que lhe for consciente e inconsciente. Se antes era comum culpar o inconsciente por aquilo que se gostaria de não ter feito ou dito; agora, é necessário que se assuma uma posição responsável até mesmo pelo acaso, pela surpresa, para que cada sujeito estabeleça sua própria bússola.

## PROCEDIMENTOS DE PRODUÇÃO E COLETA DOS REGISTROS DE PESQUISA

Dispuseram-se a participar das atividades da pesquisa os moradores da instituição de acolhimento apresentada na introdução deste trabalho, somando-se aproximadamente nove adolescentes (com uma pequena rotatividade) entre 10 a 18 anos, abrigados devido ao abandono ou descaso de familiares em circunstâncias diversas. Além desses instituídos, participou também uma adolescente de 17 anos que havia sido moradora da *Casa Abrigo* de abril de 2007 a dezembro de 2008 e que estudava na escola onde trabalhavam a psicóloga da instituição e uma das pesquisadoras deste trabalho. Assim, essa jovem foi convidada a participar de parte do projeto e aceitou, talvez pela oportunidade de contar um pouco de sua história (e vitória). Embora tenha havido participação de todos os instituídos, não seria possível apresentar em um único trabalho todos os recortes discursivos analisados; além disso, foi observada uma regularidade discursiva que permitiu eleger recortes discursivos dela representativos. Logo, para este artigo, foram selecionados recortes discursivos da produção de apenas um adolescente.

Muitos dos adolescentes participantes da pesquisa tinham características em comum, como comportamento agressivo, não aceitação de regras, oscilação de humor, dificuldades de aprendizagem. Alguns apresentam problemas no desenvolvimento cognitivo, como é o caso de uma menina que já completou 18 anos, mas que ainda não foi desabrigada por não ter para onde ir e apresenta, segundo a psicóloga da instituição, idade mental de aproximadamente seis anos. Nessas condições, a adolescente, que frequenta o 2º ano fundamental, não se enquadra nos cursos profissionalizantes que a prefeitura oferece. Embora a psicóloga relate que a *Casa* ensina à jovem, dentro do possível, atividades da vida diária, ela é muito dependente.

No geral, segundo a psicóloga, é necessário que o adolescente volte, sempre que possível, para a convivência com os pais biológicos que demonstram condições de retomarem a guarda do filho ou que seja inserido em uma família que lhe possa dar amor e compreenda as suas situações atuais de vida. No entanto, isso fica cada vez mais difícil porque a maioria dos casais procura bebês e não adolescentes na faixa etária daqueles que vivem na *Casa*. Há também o problema de adaptação: o adolescente passa alguns dias com algum familiar próximo, mas, muitas vezes, acaba retornando à instituição, porque o parente não aceita o comportamento do adolescente. Ocorre, como se ouve popularmente, a *devolução do adolescente*, e essas circunstâncias afastam o interesse pela adoção desses jovens.

Após autorização do juiz para a realização deste estudo dentro da *Casa Abrigo*, ficou determinado pela coordenadora da instituição que a pesquisa poderia ser desenvolvida uma vez por semana, durante uma hora, sem interferência nas atividades habituais dos adolescentes, os quais só participariam da pesquisa por livre e espontânea vontade.

Depois de alguns encontros, concomitantemente às atividades de leitura que começaram a ser desenvolvidas com os adolescentes, foi solicitada a produção de diários. Para essa proposta, passou-se por duas etapas: primeiramente, realizou-se uma atividade de leitura, durante vários encontros, do livro *O diário de Zlata* (FILIPOVIC, 2011), livro-diário de uma menina que conta suas angústias e infância destruída durante uma guerra que realmente ocorreu onde morava: Sarajevo, antiga Iugoslávia. A obra foi escolhida por ter sido escrita por uma adolescente que passou por momentos difíceis, como ocorreu com os adolescentes. Após a leitura e discussão do livro, eles passaram a também escrever diários, da maneira como quisessem, sem horário ou regra preestabelecida, sobre a própria vida, sua rotina, suas angústias, alegrias, amizades, expectativas futuras, enfim, assuntos gerais, conforme proposta inspirada no enredo do filme *Escritores da Liberdade* (FREEDOM, 2007), ao qual os adolescentes assistiram por solicitação das pesquisadoras.

Mesmo com tantas dificuldades de escrita, os adolescentes passaram a redigir seus diários; apenas uma menina cujas dificuldades de escrita eram intensas não deu andamento ao seu diário, mas se reunia com os outros e participava das leituras. Houve resistência inicial, mas a surpresa ocorria a cada encontro em que se observavam e se liam, com permissão dos autores, os diários cada vez mais preenchidos.

## ANÁLISE DOS RECORTES DISCURSIVOS

Para o presente artigo, foram selecionados recortes discursivos (doravante RD) de apenas um adolescente (doravante A1).

No início de seu diário, A1, que, segundo a assistente social que acompanhou o caso, entrara na *Casa Abrigo* junto aos irmãos devido à falta condições da mãe de cuidar deles, relata como foi sua experiência de retorno à instituição após uma breve saída para o período de fim de ano com alguns parentes:

RD1

A1

*Mas infelizmente, tínhamos que voltar pra XXX [nome da cidade]. E em janeiro voltou tudo ao normal. Voltamos à rotina: escola, casa abrigo.*

*Para a minha desgraça, o pessoal da educação criou a Casa Abrigo II. Ai sim meu mundo desabou! Me separei dos meus irmãos. Foi um dos momentos mais difíceis e revoltosos pra mim! No dia 18 de abril de 2008, aniversário do XXX meu irmão, eu nem os vi direito. Fui da escola direto pra Casa II.*

*Me revoltei com as coordenadoras de lá, XXX e YYY. Mas não tinha o que fazer. Eles mandavam em mim. Como se eu fosse um objeto que vai pra lá e pra cá.*

*Foi na Casa II que eu comecei a emagrecer, mas de desgosto. Minha vontade era ficar com a minha família, meus irmãos.*

Como se pode observar, A1 enuncia não gostar da *Casa Abrigo*, o que fica evidente pelo uso da conjunção coordenativa adversativa “mas”, na expressão *Mas infelizmente* com a qual abre o RD1 por meio do qual promove o desvio de argumentação que vinha sendo dirigida desde o início do excerto, denunciando que o adolescente enuncia querer algo oposto à volta à instituição, e, não se bastando em desviar a direção argumentativa, intensifica essa direção pelo uso do advérbio de modo *infelizmente*.

Embora se pudesse contra-argumentar que essa menção a não gostar da *Casa Abrigo*, a lamentar ter de voltar para lá seja inerente, faça parte das condições de produção do discurso de crianças instituídas, perceber-se-á na sequência do texto que o que os angustia é a falta da liberdade, em seu sentido de ter de obedecer ao que lhe era imposto.

Na sequência da lamentação em ter de voltar à *Casa*, utiliza-se novamente da conjunção coordenativa de valor adversativo *mas*, ao redigir *Mas não tinha o que fazer*, por meio da qual, embora ratifique a discordância com os procedimentos da instituição, revela-se resignada.

Essa resignação, entretanto, não se faz sem a explicação de como se sentia (o que revela o caráter plétórico, transbordante da escrita), quando enuncia que se sentia como um objeto (*Eles mandavam em mim. Como se eu fosse um objeto que vai pra lá e pra cá.*). De imediato, poder-se-ia compreender essa aversão à *Casa* como uma atitude de resistência inerente a todas as relações de poder (FOUCAULT, 1987), sobretudo, próprio das instituições que materializam os Aparelhos Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1985), onde havia uma rotina, com regras (*Voltamos à rotina: escola, casa abrigo.*) a serem seguidas por meio da vigilância dos funcionários. Essa rotina é própria do mundo simbólico contra a qual os sujeitos se opõem como resistência à simbolização, configurando o mal-estar provocado pelo conflito entre dois polos sob os quais o sujeito se equilibra (UYENO, 2010): a pulsão de vida, própria do mundo real, da qual o sujeito é constituído sob a condição de *infans*, antes de sua entrada no mundo simbólico, organizado pela linguagem, e a pulsão de morte, da agressividade e da destruição (FREUD, 1997).

Relatar que se sentia como um objeto que apenas obedecia a regras denuncia a resistência aos modos de objetivação exercidos pela instituição. Esses modos pareciam não mobilizar o adolescente, por isso se investiga a escrita como um modo de subjetivação sócio-histórica que possa, ainda, contribuir para os processos de identificações de ordem psicanalítica.

Ao longo do período de escrita, A1 mostrou-se mais compreensível, menos revoltado com toda a situação que desencadeara seu sofrimento. A1 pode ter encontrado na escrita do diário um meio de simbolizar, de trabalhar com um resto que lhe fazia sofrer; a escrita, assim, parece ter tido uma função terapêutica, possibilitando a A1 substituir sua angústia, conforme se nota em um recorte discursivo feito de trechos finais do diário de A1:

## RD2

A1

Esses dias, eu estive pensando: é engraçada a maneira que Deus move os “pauzinhos” de nossas vidas! Jamais iremos entender!

O motivo de tal reflexão? A notícia de que uma amiga minha de infância acabava de ter o primeiro filho!

Eu pensei: caramba, ela cresceu educada pelo pai e pela mãe, estudava, não tinha um motivo para se queixar de qualquer coisa. Nunca faltou alimento ou algo necessário pra formação básica de um ser humano. Pode ter faltado amor.

Quando nos conhecemos, eu tinha 7 anos e ela 8. Nossas mães eram amigas e vivíamos juntas. Até que ela se mudou e ficamos um bom tempo sem nos falar.

Quando ela e eu nos reencontramos, já com 14 anos eu, e ela com quase 16, colocamos o “papo em dia”. Me contou que havia usado drogas oferecidas pelo namorado dela, com quem ela foi morar. Parou com a má conduta quando descobriu que estava grávida. O namorado dela, um tremendo idiota, espancou ela uma vez, o que a deixou internada durante uma semana quase, e obviamente, ela perdeu o bebê. Como dizem “há males que vem para o bem”. Ela se separou dele e voltou a morar com os pais. A essa altura da vida, ela não terminou os estudos e perdeu essa oportunidade por enquanto, pois há nove meses atrás, com 17 anos, ela engravidou novamente de um outro idiota que nem quer saber da criança. Pelo menos ela tem os pais. E essa criança nasceu. Com saúde graças a Deus.

Eu parei e pensei: está certo que meu pai não está nem aí pra mim e pro meu irmão, que minha mãe está longe e as vezes parece que não liga muito também, que eu e os meus irmãos estamos separados, que não somos perfeitos, aliás, ninguém é, mas Deus sempre encaminhou minha vida pro caminho certo, porque, pode não parecer, mas as coisas deram certo. Passamos por um turbilhão, um furacão, mas todas as pessoas têm seu “furacão diário”.

*Se eu não tivesse ido pra casa abrigo, eu não estudaria na YYY [nome da escola]. Como já disse foi a WWW que conseguiu a bolsa. E no momento, o estudo e continuar fazendo os vestibulares são os meus objetivos no momento, são o que definem o meu presente.*

Não teria percebido que eu amo a minha mãe! Mesmo com todas as nossas divergências e as adversidades que aconteceram, ela é minha mãe! Nada muda isso, nem todas as surras, nem todas as palavras que machucaram mais que os murros, nem o abandono, nem cada vez que ela não foi capaz de cuidar de mim.

Meu pai é um covarde. Fugiu quando seu posicionamento deveria ser de homem.

E Deus sempre colocou pessoas maravilhosas ao meu redor, verdadeiros anjos pra me ajudarem.

E o meu desejo é ser alguém perante a sociedade. Não para impressionar o ser humano, porque isso não teria valor algum, mas ter condições pra cuidar da minha família. Ter a oportunidade de oferecer aos meus irmãos uma vida melhor, com coisas que não tive e cuidar da minha mãe também. Casa e outros materiais básicos para se viver hoje.

A1 menciona ter tecido uma reflexão (*Esses dias, eu estive pensando...*) acerca de sua vida a partir de um fato ocorrido com uma amiga de infância que havia acabado de ter um filho aos 17 anos. Primeiramente, A1 enumera o que a amiga tivera certamente a partir do que lhe havia faltado em sua infância, como pais presentes, educação escolar, boa alimentação ou outro item necessário à formação humana (*ela cresceu educada pelo pai e pela mãe, estudava, não tinha um motivo para se queixar de qualquer coisa. Nunca faltou alimento ou algo necessário pra formação básica de um ser humano*), não havendo, para ela, portanto, razões para que a amiga tivesse seguido uma vida descontrolada, embora A1 reconheça que possa ter-lhe faltado amor, sem explicar sobre essa questão.

É a partir disso que A1 lança um olhar introspectivo sobre si próprio, configurando o diário como modo de subjetivação, ao refletir que, embora não tenha tido o que a amiga teve, pelo contrário, não teve atenção do pai nem da mãe e está separada dos irmãos, não teve uma vida desregrada como a amiga que agora sofre as consequências por isso. A conjunção coordenativa adversativa “mas” marca essa oposição (*mas Deus sempre encaminhou minha vida pro caminho certo, porque, pode não parecer, mas as coisas deram certo*), e revela que A1, mesmo determinada por um discurso religioso, crendo que seu futuro foi “obra divina”, reconhece que sua angústia não é maior do que a de outras pessoas e, por isso, não pode determinar o fim de sua vida. É como se A1, por meio da escrita, simbolizasse sua dor, tornando-a passível de ser, se não curada, suportável, o que configura o diário como suplência. Essa invenção da própria vida, a despeito da dor de existir que a manteve tantos anos revoltando-se, magoando-se, como relata, prisioneira de um ciclo vicioso, faz de A1 um sujeito que é movido por um novo amor de que fala Lacan.

A1 substituiu o que lhe fazia sofrer pelos estudos (*[...] E no momento, o estudo e continuar fazendo vestibulares são os meus objetivos no momento, são o que definem o meu presente*), o que se revela em seu reconhecimento de que ter morado na *Casa Abrigo* trouxe-lhe benefícios, como ter conhecido alguém que lhe conseguisse uma bolsa de estudos em uma escola que, para o adolescente, poderia lhe dar um futuro melhor (*Se eu não tivesse ido para casa abrigo, eu não estudaria na XXX. Como já disse foi a WWW que conseguiu a bolsa*); e essa convicção (e coragem) de que esse seria o melhor a fazer fez com que A1 desistisse de ir embora para o Paraná com a mãe, de quem dizia gostar muito. Os estudos ganharam tamanha importância, que A1 vê neles seu foco de desejo, isto é, A1 parece ter se desvinculado do enigma do desejo do Outro e do sofrimento por não ter o amor do Outro para se tornar sujeito de seu próprio desejo.

A mágoa que enuncia sentir da mãe, com a intensidade observada em recortes discursivos anteriores feitos de trechos iniciais do diário de A1, parece ter sofrido modificações. A1 conseguiu transpor esse obstáculo que lhe impedia de caminhar em busca de seu próprio desejo. O trabalho de simbolização parece ter feito com que A1 enunciasse ter percebido o quanto ama a mãe, embora tenha sofrido com as atitudes dela (*Não teria percebido que eu amo a minha mãe! Mesmo com todas as nossas divergên-*

*cias e as adversidades que aconteceram, ela é minha mãe! Nada muda isso, nem todas as surras, nem todas as palavras que machucaram mais que os murros, nem o abandono, nem cada vez que ela não foi capaz de cuidar de mim).*

A1 parou de queixar-se e de tentar procurar um culpado pela sua dor, que poderia ser a *Casa Abrigo*, por exemplo, para responsabilizar-se por sua vida; em outras palavras: A1 deslocou-se da posição de vítima, da qual enunciava sob identidade de abandonado e excluído, para a de responsável. Embora tenha sofrido com o abandono, isso não determinou que A1 deixasse os estudos, envolvesse-se com drogas, engravidasse precocemente. Parece que A1 compreendeu que somente o sujeito pode escrever sua história, e seja como for que ela tenha sido iniciada, o sujeito deve assumir as responsabilidades de seus atos (FORBES, 2010a; 2012).

A produção de diário contribuiu para que A1 se subjetivasse pela escrita de si e se reafirmasse como sujeito de seu próprio desejo, pela escrita que pareceu produzir um efeito terapêutico naquele que escreve. Não se pretende concluir que A1 esteja totalmente livre de seu sofrimento, visto que o trabalho de simbolização deva ser contínuo e ratificado; nem tampouco se pretende finalizar os comentários acerca dos registros de A1 como se ocorresse a finalização de uma sessão de análise, mas sim apontar a escrita como um pontapé para o auxílio de sujeitos que vivem alienados ao desejo do Outro ou que não conseguem se livrar de uma angústia que insiste em sempre retornar.

O trabalho desenvolvido na instituição de acolhimento pode ter contribuído para um deslocamento subjetivo dos adolescentes e, conseqüentemente, para uma transformação da identidade que venham a assumir. Mudanças de hábitos, como ler e escrever espontaneamente, revelação de preocupação com o futuro, diminuição de queixas que pareciam fixar os adolescentes em uma posição de vítima e excluído são alguns exemplos relatados por funcionários da *Casa Abrigo* que podem comprovar, juntamente à materialidade linguística dos diários, os efeitos terapêuticos da escrita.

É relevante atentar-se ao fato de que, quando esta pesquisa foi iniciada, havia nove adolescentes na *Casa Abrigo*; ao término dela, apenas três permaneciam na instituição de acolhimento e já estavam em processo de aproximação com familiares ou com possíveis pais adotivos. Embora possa ter sido coincidência, não se pode negar que o trabalho com a leitura e a escrita desenvolvido com os adolescentes tenha surtido efeitos positivos, tanto em relação ao aspecto acadêmico/escolar, quanto em relação a uma nova postura assumida que permitiu reintegração de adolescentes à família e adoções, segundo informações obtidas com a coordenadora da instituição. É necessário que se explicita que não se pretendeu com a pesquisa empreendida docilizar os corpos e formá(tá)-los para a *Casa Abrigo*, nem tampouco ajudá-los a se reintegrarem na família ou na sociedade. Investigou-se e detectou-se que, nesse contexto, a escrita teve uma função terapêutica.

## CONCLUSÃO

Neste momento em que se encerram as análises, com a pretensão de se ter instigado mais discussões acerca do assunto proposto, conclui-se que os adolescentes judicialmente acolhidos, sujeitos desta pesquisa, resistiam aos modos de objetivação exercidos pela instituição de acolhimento os quais procuravam docilizar os instituídos e moldá-los para a sociedade. Já a escrita de diários autobiográficos foi considerada como modo de subjetivação sócio-histórica, permitindo processos de identificações psicanalíticas, e, como se observou nas análises, parece que ela teve função terapêutica e de suplência, possibilitando um trabalho com a linguagem e o pensamento, ou seja, um trabalho de simbolização.

Adolescentes que, inicialmente, ocupavam um posicionamento de excluído e de vítima passaram a um posicionamento de sujeito responsável, encontrando um novo amor que lhes impulsionasse ao próprio desejo; isso porque a função terapêutica da escrita contou com contribuições de manejos psicanalíticos praticados pelas pesquisadoras ao longo da pesquisa; manejos esses que “desautorizavam” o sofrimento – não alimentavam a condição vitimizada que os adolescentes insistiam em assumir.

Esses manejos psicanalíticos parecem ter revelado, ainda, um investimento (ou endereçamento) de amor das pesquisadoras à situação em que atuavam, isto é, revelando implicação responsável delas no projeto e na pesquisa que empreendiam; fato que pode ter proporcionado a transferência entre elas e os adolescentes, relação análoga àquela em que o analisando toma o analista como sujeito de suposto saber ou, em outras palavras, como aquele que teria conhecimento sobre a angústia do analisando e sobre o objeto simbólico que tamponaria a falta dele, tornando-o completo. É sob esse amor de transferência que se desencadeia o processo de análise a partir do qual se busca a cura do analisando.

Em tempos de Pós-modernidade, em que não existem modelos ou receitas para as identidades que venham a ser assumidas, são necessárias discussões para além dos processos de engendramento dos sujeitos que os objetivem e os homogeneizem. Nesse sentido, embora o contexto em questão não seja o de sessões de análises, o presente estudo, ao refletir sobre os efeitos subjetivos da escrita de si, revela contribuições do olhar psicanalítico ao campo pedagógico, no qual professores atuam não só para informar, mas também, sobretudo, para formar os sujeitos em seus aspectos vários.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BARTHO, Viviane Dinês de O. Ribeiro. *Parrhesia foucaultiana: uma análise discursiva de correspondências sobre correção de textos*. 2008. 79f. Monografia – Universidade de Taubaté, Taubaté – SP, 2008.
- BIRMAN, Joel. O sujeito desejante na contemporaneidade. *Seminário de Estudos em Análise do Discurso*. Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- CASTORIADIS, C. *A instituição Imaginária da Sociedade*. 3. ed. Tradução Guy Reymund. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- COURTINE, J. J.; HAROCHE, C. O Homem perscrutado: semiologia e antropologia política da expressão e da fisionomia do século XVII ao século XIX. In: ORLANDI, E. et al. *Sujeito e Texto*. São Paulo: EDUSC, 1988. p. 37-60.
- FERRETTI, Maria Cecília Galletti. *O Infantil: Lacan e a modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- FILIPOVIC, Zlata. *O diário de Zlata: a vida de uma menina na guerra*. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FORBES, Jorge; REALE JÚNIOR, Miguel; FERRAZ JUNIOR, Tercio Sampaio (org.). *A invenção do futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade*. Barueri, SP: Manole, 2005.
- FORBES, Jorge. *Você quer o que deseja?* 8. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI*. Barueri, SP: Manole, 2012.
- \_\_\_\_\_. O princípio responsabilidade: do medo ao desejo. *Separatas 1*. Instituto da Psicanálise Lacaniana. São Paulo: Publicação interna, p. 2-10, 2010a.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- \_\_\_\_\_. Escrita de si. In: *Ética, Sexualidade, Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 144-162.

FREEDOM, Writers. Direção e Roteiro: Richard LaGravenese. Intérpretes: Hilary Swank, Patrick Dempsey e outros. Produção: Danny DeVito. Estados Unidos/Alemanha, 2007. 1 DVD (122 min).

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

GODOY, Mônica Lopes Névoa. *Redação de vestibular: para além de uma prova, a escrita de si e os efeitos dos comentários do corretor de textos*. 2006. 114f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté – SP, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

PÊCHEUX, Michel. Discurso e ideologia(s). In: \_\_\_\_\_. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi et al.. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1988. p. 139-185.

\_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. Campinas, SP, Ed. Unicamp, 1990.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

UYENO, Elzira Yoko. *A dogmatização da teoria: a contradição como negação da falta no discurso do professor de línguas*. 2002. 340 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da linguagem, Campinas, SP, 2002.

\_\_\_\_\_. Hermenêutica de si mesmo: escrita acadêmica, parrhesia e subjetividade. In: SILVA, Elisabeth Ramos da; UYENO, Elzira Yoko; ABUD, Maria José Milharezi (org.). *Cognição, Afetividade e Linguagem*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2007. p. 76-94.

\_\_\_\_\_. Escrita mal escrita ou mal-estar da Escrita. In: HECKERT-HOFF, B.; CORACINI, M. J.(org). *A escritura de si e alteridade no espaço papel- tela*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. Morador de rua no ciberespaço: a incluir-se no discurso da ética do desejo. In: CORACINI, Maria José (org.). *Identidades Silenciadas e (In)visíveis: entre a inclusão e a exclusão*. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 31-51.

Recebido em: 19 de agosto de 2014  
Aprovado em: 22 de junho de 2015